



# UnB

## ANOS 70

Memória do  
Movimento  
Estudantil

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO  
(Organizadora)



Palameda

## POR UMA MEMÓRIA COLETIVA

No prefácio do clássico *A memória cultural*, Jan Assmann, egiptólogo e arqueólogo alemão, faz uma afirmação preocupada, referindo-se aos fatos da Segunda Grande Guerra mundial. Em se falando de memória coletiva, o marco de quarenta anos é um limiar: o momento em que a lembrança viva dos eventos começa a ser ameaçada de um declínio e as formas de memória cultural tornam-se problemáticas<sup>1</sup>. Essa parece ser também a preocupação implícita que surgiu entre os/as integrantes do movimento estudantil da UnB dos anos setenta do século passado, em sua maioria estudantes punidos/as pelos representantes institucionais universitários da ditadura militar.

Outra razão, explicitada pouco a pouco, levou a nos reencontrar em forma telemática, a reatar antigos laços que o tempo tinha esgarçado, a recuperar uma linguagem compartilhada, a revirar nos arquivos pessoais, a achar fotografias amareladas, a procurar e-mails de colegas espalhados/as pelo Brasil afora e fora do Brasil, a recordar aqueles/as que já nos deixaram: fixar em modo organizado, discutido e sentido uma memória coletiva e histórica daquele processo de lutas de reconstrução e reconquista de espaços de livre expressão e participação acadêmica, social e política dentro do campus da então mais jovem instituição pública de ensino superior do país e também a mais golpeada pelo atos repressivos do regime autoritário. A universidade pensada, criada e dirigida inicialmente por Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira, fundada para ser um paradigma de universidade democrática, inovadora e moderna em 1962. Fomos e somos, portanto, herdeiros/as de um sonho e vítimas de um pesadelo. Naquele período histórico, fomos construtores/as e visionários/as de uma Utopia Real<sup>2</sup>.

Essa experiência comum já fora relatada de forma significativa em livros anteriores. Mas nos iluminou uma clara certeza que era chegada a hora de juntar nossas vozes num novo canto geral, coral e plural. O canto de uma geração, que empunhando a bandeira libertária da geração anterior (a mais famosa e badalada geração '68), lançou as bases e reconstruiu o Dce-Livre, dedicado ao nosso colega Honestino Guimarães, e reconstruiu também a UNE, da qual Honestino fora também o último presidente eleito. A geração '77, a geração das liberdades democráticas e das entidades livres.

---

<sup>1</sup> Assmann, J. (1997 [1992]). *La memoria culturale. Scrittura, ricordo e identità politica nelle grandi civiltà antiche*. Torino, Giulio Einaudi editore.

<sup>2</sup> Wright, E.O. (2010). *Envisioning Real Utopias*, London/New York, Verso.

Segundo Mannheim apud Marialice Foracchi, o termo geração pode ser utilizado como uma categoria de análise. Embora não seja uma classe ou um grupo, estabelece uma “localização social comum, numa dimensão histórica do processo social”<sup>3</sup>. Definida assim, cada nova geração constrói, no limite, um “estilo de ação peculiar que se distingue da geração anterior”<sup>4</sup>. Um estilo comum de experiências de vida estruturadas e compartilhadas que se formou num processo dialético, explorando contradições que se evidenciaram em relação a uma base comum de similaridade.

No humus desse terreno fértil de nossas vivências fomos buscar, arar, fuçar, revirar, sorver, haurir, garimpar, encontrar em nossas memórias os fatos, eventos e relatos daquela década. São, principalmente, testemunhos redigidos individualmente (a maioria) mas também por duos, trios e quartetos que se formaram por afinidade.

Para Maurice Halbwachs (1877-1945), toda memória individual é coletiva pois vive dentro de um quadro social compartilhado<sup>5</sup>. Presume um acontecimento real anterior vivido em comum que depende deste quadro de referência, no qual convivem os objetos, as imagens, os espaços, as falas, os tempos e outras pessoas que “nos motivam tanto quanto nós motivamos a nós mesmos”<sup>6</sup>. Nossas ações, intenções e lembranças estão, no presente, atadas como nós de uma rede, fronteiras intersectadas pelas diversas correntes do pensamento coletivo do grupo que atesta nosso pertencimento àquela memória. Na trama dessa rede “Não há informações, apenas trans-formações”<sup>7</sup>.

Conscientes que “a memória, seja individual ou coletiva, é sempre uma visão do passado filtrada pelo presente”, como nos lembra Enzo Traverso<sup>8</sup>; esclarecidos por Antonio Gramsci que “a história é sempre contemporânea, isto é, política”<sup>9</sup>; alarmados por um cotidiano institucional nacional ocupado hoje pelos epígonos daqueles que foram nossos algozes outrora; aventuramo-nos na feitura deste livro coletivo intencionados a fazer uma boa descrição de nossas experiências, do que investimos socialmente como estudantes para mudar uma situação concreta, para atuarmos em uma realidade que sabíamos ser (e ainda é) injusta e

---

<sup>3</sup> Foracchi, M.M. (1972). *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo, Pioneira [Editora da Universidade de São Paulo].

<sup>4</sup> Ibidem.

<sup>5</sup> Halbwachs, M. (1990 [1950]). *A memória coletiva*. São Paulo. Edições Vértice, Editora Revista dos Tribunais.

<sup>6</sup> Wagner, R. (2017). *A invenção da cultura*. São Paulo. UBU.

<sup>7</sup> Latour, B. (2002b). “A Dialog on Actor Network Theory”. Disponível em: <http://www.brunolatour.fr>.

<sup>8</sup> Traverso, E. (2006). *Il passato: istruzioni per l'uso. Storia, memoria, politica*. Verona, Ombre Corte.

<sup>9</sup> Gramsci, A. (1977). *Quaderni dei Carceri*. Edizione critica dell'Istituto Gramsci, a cura di Valentino Gerretana. Torino, Giulio Einaudi Editore.

falseada, de como nos organizamos para contrastar aquilo e o que enfrentamos e sofremos como consequência de nossas práticas políticas.

Sabemos que as informações que colhemos nos recantos de nossas memórias não passaram por janelas abertas e transparentes. Contém lacunas; contém imprecisões. Contém, sobretudo, nossos corações repletos de luz libertária e nossos olhos molhados de sonhos fraternos, que se lançam para além dos abismos da necropolítica e da hipocrisia dos poderosos. Como o poeta, semeamos o vento em nossa cidade. Saímos juntos às ruas e bebemos a tempestade. Evoé, camaradas!

Marco Antonio Ribeiro Vieira Lima

Milão, primavera de 2022

Ribeiro Vieira Lima, M.A. 2022. *Por uma memória coletiva*. In Caetano, M.R. (a cura di), *UnB anos 70: Memória do movimento estudantil*, Alameda Editorial, São Paulo, pp.23-25. Parte di ISBN 978-65-5966-115-2

